

## MATERNIDADE ATIVA E O CUIDADO DO MUNDO

### **Eixo Temático 29 – PEDAGOGIGAS DE GÊNEROS E SEXUALIDADES EM MÍDIAS E ARTEFATOS CULTURAIS**

Elaine Muniz Pires<sup>1</sup>

#### **RESUMO**

O relato apresentado refere-se à pesquisa de doutorado que teve como objetivo identificar as condições de emergência do discurso autodenominado maternidade ativa, suas regularidades enunciativas e enquanto processo educativo. Utilizando a perspectiva teórico-metodológica da análise do discurso inspirada em Michel Foucault, analisou-se centralmente um conjunto de publicações feitas por mulheres-mães em blogs maternos brasileiros na última década e o referencial teórico correspondente. A pedagogia analisada professa formas legítimas e ilegítimas de como maternar, o que contradiz a liberdade de escolha defendida, gera disputas entre as mulheres, intensifica a culpa materna e contribui na construção de um ideal de mãe e de cuidado que não considera os privilégios de classe, raça e gênero.

**Palavras-chave:** Maternidade ativa; Maternagem; Ativismo; Blog materno.

#### **INTRODUÇÃO**

Este relato refere-se à pesquisa realizada no âmbito da tese de doutorado *Maternidade Ativa e o Cuidado do Mundo*, defendida por Elaine Muniz Pires sob orientação de Ana Laura Godinho Lima na Faculdade de Educação da USP em 2020. A pesquisa recorre à perspectiva teórico-metodológica da análise do discurso inspirada em Michel Foucault, bem como a suas proposições relativas à governamentalidade e à biopolítica. A análise vale-se também de contribuições advindas dos estudos de gênero contemporâneos e de

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação (2020) pela Faculdade de Educação (FE-USP), é Técnica em Assuntos Educacionais na UNIFESP, [elainempires@hotmail.com](mailto:elainempires@hotmail.com).

áreas diversas de conhecimento como antropologia, educação, história, psicologia, entre outras.

Interessou-nos nessa pesquisa o discurso que divulga práticas consideradas naturais e ecológicas de cuidado e parturição, em que as mulheres se reconhecem como mamíferas, declaram militar por práticas de maternagem consciente, pelo protagonismo materno e o empoderamento feminino. Interessou-nos especialmente o discurso em que se reivindica a maternidade ativa.

A maternidade ativa é fruto de um processo iniciado nos anos 1970 no Ocidente em que mulheres de classes médias a altas deixaram de seguir apenas as recomendações dos médicos dadas nos consultórios e nos manuais de maternidade, e passaram a reivindicar o direito de decidir como parir e como cuidar das crianças. Esse questionamento da autoridade médica se tornou possível com o surgimento de saberes críticos à hospitalização do parto e ao aleitamento artificial e como reflexo da luta de movimentos feministas pela possibilidade feminina de escolher e pelo direito ao próprio corpo. Neste contexto, as mulheres passaram a buscar informações que embasassem as escolhas de práticas alternativas de maternagem em livros, coletivos feministas, grupos de apoio e de preparação para o parto e, com a popularização da internet a partir dos anos 2000, no universo on-line.

Tal é o movimento que buscamos compreender e caracterizar na pesquisa. Para além da análise de teóricos importantes desta formação discursiva como Michel Odent, a decisão de pesquisar blogs se deu pelo potencial desses discursos para a compreensão das experiências de articulação entre as mães no espaço virtual e pelo ineditismo da empreitada. Nos blogs escritos por mães e voltados para mães, as mulheres narram suas vidas à medida que criam seus filhos, narram seus partos e suas experiências com os cuidados e a educação das crianças, escrevem à procura de acolhimento, como desabafo ou meio para elaborar a própria experiência. Esse espaço permite que as autoras apresentem outros pontos de vista quanto à maternidade e à maternagem apoiadas em experiências femininas e em conhecimentos científicos considerados alternativos. Permite-lhes se colocarem no debate, dizerem quais práticas lhes servem e quais não funcionam para elas, permite-lhes propor novas formas de serem mães.

As pesquisas anteriores realizadas em torno da discussão da humanização do parto e do nascimento, dos significados para as mulheres de formas não hospitalizadas de parturição e de uma maternagem que se pretende mamífera, foram realizadas a partir de métodos etnográficos e contaram predominantemente como fonte com entrevistas realizadas com defensoras da humanização e/ou mulheres que passaram por essas experiências. Para nós, interessou compreender como no nível do discurso escrito e divulgado na internet essas defesas e experiências apareciam, eram divulgadas e como acabavam por constituir um discurso maternalista de caráter mais geral, um discurso heterogêneo que abrange as especificidades dos discursos individuais. Nosso foco não era entender, portanto, como as mulheres significavam individualmente essas experiências, quanto elas podiam ter sido ou não libertadoras, e sim como esses significados eram compartilhados, divididos, disputados e construídos coletivamente.

Para a tese, selecionamos oitenta e nove postagens, publicadas em blogs brasileiros entre 2011 e 2017, escritas por mães que identificamos como sendo, em sua maioria, mulheres intelectualizadas, de classe média a alta, brancas e heterossexuais. A seleção levou em consideração inicialmente aquelas postagens em que se discutia a natureza da função materna, a defesa de práticas naturais e ecológicas e a associação da maternidade a animalidade. A análise deste material evidenciou a recorrência de outros enunciados que fundamentam essa formação discursiva como escolha feminina, empoderamento materno, feminismo, ativismo e transformação social, como abordaremos a seguir.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A ideia de uma maternidade ativa, muito referida e pouco conceituada, é frequente na blogosfera materna brasileira desde 2002. A análise dos blogs demonstrou que o termo pressupõe o resgate feminino do controle do próprio o corpo durante o trabalho de parto, o protagonismo feminino, a adoção consciente e refletida de práticas de maternagem e um ativismo por mudanças nas formas de parir e maternar.

A postura ativa contrapõe-se à passividade que se atribui à maioria das mulheres, neste discurso, quando assumem as condições de mãe, paciente e consumidora. Por este motivo, a busca por informação de qualidade e de fontes seguras que embasem as escolhas maternas está para além daquela disponível nos consultórios médicos ou que é

publicada pela grande mídia: volta-se para conhecimentos científicos que não circulam com tanta frequência nestes espaços, como os da medicina baseada em evidências, e para experiências maternas. No discurso da maternidade ativa, a escolha consciente, baseada em uma busca ativa por conhecimento e no questionamento da autoridade médica, leva ao empoderamento materno.

Os enunciados de escolha e empoderamento guardam forte correlação com movimentos feministas ocidentais dos últimos cinquenta anos na luta por direitos reprodutivos (HAYDEN, S.; HALLSTEIN, 2010). A autonomia requerida mediante liberdade de escolha também está em consonância com uma ilusão neoliberal de que é possível escolher livremente, independente das normas sociais, das sanções e recompensas (OKSALA, 2019) o que pode gerar um apagamento dos privilégios e a culpabilização de mulheres que não podem escolher o que lhes parece adequado.

Na maternidade ativa, as mães figuram como agentes de escolha, como agentes autônomos capazes de optar por ser mãe e quando ser mãe e pelos cuidados oferecidos à criança gerada. A busca ativa por conhecimento possibilita, nessa perspectiva, que a mulher se coloque no mesmo patamar que o obstetra quanto aos conhecimentos relativos à parturição, podendo questionar os procedimentos realizados, podendo escolher como parir e ser protagonista de seu parto, podendo fazê-lo inclusive sem a presença de um médico. Esse empoderamento feminino fundamenta-se na convicção de que o saber feminino sobre o processo de nascimento foi roubado pelo saber médico, dominado por homens que passaram a intervir de forma invasiva, e instituíram a cultura da hospitalização sobre um ato natural e fisiológico.

Da importância do questionamento da prática médica, da necessidade do protagonismo feminino, da mulher tornar-se dona de seu corpo, de seu parto e de seus filhos, da necessidade de posicionar-se e de lutar pelas causas maternas, cresce a defesa do ativismo maternalista. As mulheres que escrevem e debatem nas mídias sociais assumem que são, em maior ou menor medida, engajadas na causa materna. As mães ativas são consideradas como pioneiras e militantes pela mudança das formas de cuidado e do futuro da humanidade.

Há nessa formação discursiva um ideal de transformação da humanidade e do mundo que tem início ainda na gestação. Tornar-se mãe, nessa leitura, implica em um

distanciamento do imediato, do individual, para preocupar-se com o futuro, com o coletivo; implica assumir posturas reflexivas sobre suas práticas, suas decisões, a maneira de colocar-se na sociedade; implica tornar-se responsável pelo mundo em que as crianças viverão e também em deixar adultos melhores para o mundo. Resistir à sociedade atual para a criação de outras possibilidades individuais ou coletivas é uma atitude materna fundamental nesse discurso, quer seja se concentrando na forma de parir, de maternar, na educação dada aos filhos ou através da reconexão com a natureza e de adoção de práticas sustentáveis.

Ao vislumbrar um futuro melhor, esse projeto revolucionário promete felicidade não apenas às envolvidas e aos seus descendentes: estende-se a toda a humanidade e a todas as formas de vida no planeta. E a mulher-mãe é a principal agente revolucionária, já que depende dela desde a gestação a adoção de práticas melhores de maternagem e a transmissão às crianças de valores necessários à transformação da sociedade. Não é à toa que a sentença do médico Michel Odent “Para mudar o mundo é preciso mudar a forma de nascer”, autor de livros em que há uma aproximação entre maternidade e ecologia, é frequentemente citada neste meio.

A defesa do engajamento feminino e da escolha do modo ideal de maternagem para promover a transformação social implica em um dos principais paradoxos da maternidade ativa, que diz respeito à escolha pelo natural. Contraditoriamente, ainda que pregue a liberdade feminina de escolher como forma de empoderamento, a maternidade ativa restringe-a na prática a determinadas escolhas, torna a maternagem consciente e ativa nos termos estabelecidos pelo adequado conhecimento da “natureza” quase uma imposição, uma obrigação da mãe que se preocupa com o futuro dos filhos. São constantes nos blogs as disputas em torno de verdades sobre como cuidar, como parir, como ser mãe, quais são as melhores e as piores mães (as “mais mães” e as “menas mães”). É como se o esclarecimento feminino possibilitado por um conhecimento científico baseado em evidências e o resgate de experiências maternas, levasse as mulheres à verdadeira verdade sobre como ser mulher, como ser mãe, como parir e como maternar.

A falta de tolerância, a dificuldade no estabelecimento de um debate respeitoso, posturas consideradas fanáticas, retaliações e zombarias frequentes nos blogs, traçam um panorama diverso daquele de união feminina, retratando a blogosfera materna como um

ambiente de discussões e conflitos constantes pela forma ideal de maternar e de como ser mãe, como uma zona de guerra, assim como verificado em blogs maternos em outros países ocidentais (ABETZ; MOORE, 2018). Neste campo de disputa pela verdade se confrontam, de um lado, as verdades da medicina institucionalizada nos hospitais, de outro, as verdades da natureza associadas às das experiências vividas pelas mulheres, as quais se apoiam nos saberes especializados da ecologia, da medicina e de pedagogias alternativas. A blogosfera materna brasileira ativa cumpre esse duplo papel: por um lado divulga informações, acolhe, une, arregimenta mães em prol de um ativismo maternalista e do empoderamento feminino; por outro, condena, normaliza comportamentos e impõe formas corretas de maternagem e de ser mãe.

Essas contradições também aparecem quanto ao debate se a maternidade ativa é ou não uma prática feminista. É recorrente na blogosfera materna o auto reconhecimento das mulheres como feministas, assim como a defesa de um feminismo materno ou mamífero de valorização das especificidades femininas como parir e maternar. É comum também o rechaço ao movimento, associado ao aumento das responsabilidades das mulheres e à geração de ambivalência entre elas, razão que leva algumas mães a não se identificarem com a causa. Os feminismos que participam da edificação desse discurso ocupam papel controverso entre as ativistas, identificados com a imposição da entrada das mulheres no mercado de trabalho e o aumento das responsabilidades femininas exigidas dentro e fora do lar.

A reunião em torno de uma mesma prática, de feministas das mais diversas vertentes, antifeministas e conservadoras, demonstra o paradoxo no interior da maternidade ativa de unir a defesa da liberdade de escolha, princípio caros aos feminismos, à delimitação de práticas maternas melhores e piores, à defesa de uma natureza materna que limita outras trajetórias femininas possíveis e que mantém a mulher como principal cuidadora das crianças. Esta combinação de escolha e tradição coloca as mulheres como responsáveis por administrar as demandas da maternidade e da carreira, exigências de difícil compatibilidade. E reforça o perfil e o lugar de onde falam essas mulheres que escrevem e comentam nas mídias sociais: em sua maioria mulheres intelectualizadas, brancas e de classe média a alta, que são as que podem optar entre retornar ao lar ou realizar trabalhos remunerados em casa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso da maternidade ativa, ao colocar a mulher como agente da revolução, traz poder, fortalece e enobrece o papel social da mãe e a importância da maternagem, mas também coloca sobre seus ombros uma carga de responsabilidades e uma rigidez moral intensa e normalizadora que se choca com a defesa propagada de liberdade de escolha e empoderamento materno. Nesse sentido, parece ter ocorrido uma atualização do ideal de mãe moderna que, em fins do século XIX e início do XX ressaltava a importância da mãe para o futuro da nação (LIMA, 2007), o qual se deslocou para ao futuro da humanidade e do planeta. A crença na criação de um novo ser humano, que se pretende revolucionária, também encerra valores higiênicos como no ideal de mãe moderna e eugênicos, na medida em que cria uma diferenciação entre bem nascidos, e bem educados, e aqueles cujas mães não investiram do mesmo modo em sua formação amorosa ao planeta ou o fazem em acordo com os valores sociais vigentes.

Essa formação discursiva, por mais que se pretenda libertadora, não rompe com uma idealização universalizada de como ser mãe, baseada na normalização materna através da culpa, do sacrifício, da criação (e patologização) da mãe considerada má (a “menas mãe”, como as blogueiras se referem) em oposição à boa mãe ativa, e do estabelecimento de verdades quanto às formas ideais de cuidado infantil. A definição de mãe ideal (a “mais mãe”) e de como maternar coloca em xeque as defesas recorrentes da possibilidade de escolha feminina (que aparecem nesse discurso muitas vezes restritas a certas escolhas, como o parto natural e não a cesárea), e desconsidera as possibilidades de escolha de mulheres de classes e raças diferentes.

## REFERÊNCIAS

ABETZ, Jena; MOORE, Julia. **“Welcome to the Mommy Wars, Ladies”**: Making Sense of the Ideology of Combative Mothering in Mommy Blogs. *Communication Culture & Critique* 11, 2018, p. 265–281.

HAYDEN, Sara; HALLSTEIN, Lynn O’Brien. (Org). **Contemplating maternity in an era of choice**. Lanham, MD: Lexington Books, 2010.



LIMA, Ana Laura Godinho. Maternidade Higiênica: natureza e ciência nos manuais de puericultura publicados no Brasil. **História:** questões e debates. Curitiba, n. 47, p. 95-122, 2007.

OKSALA, Johanna. O sujeito neoliberal do feminismo. In: RAGO, M; PELEGRINI, M. (orgs.). **Neoliberalismo, feminismos e contracondutas:** perspectivas foucaultianas. São Paulo: Intermeios, 2019.